

## A categoria informação como espaço de hibridação<sup>1</sup>

**Jackson da Silva Medeiros**

Doutor em Comunicação e Informação  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil  
 <https://orcid.org/0000-0001-6725-4660> E-mail: jacksonmedeiros@outlook.com

Submetido em: 07-10-2023

Reapresentado em: 19-12-2023

Aceito em: 04-01-2024

### RESUMO

Este trabalho busca articular, de forma inicial, a ideia de hibridação, de Néstor García Canclini, argumentando que a informação é um dispositivo representativo de um sistema simbólico; um espaço de hibridação cultural que homogeneiza processos heterogêneos, sendo constituído em dispositivo que encapsula uma estrutura dominante de poder que se ordena pela hegemonia como um espaço de circulação de entidades e de poder em negociação.

**Palavras-chave:** filosofia da informação; hibridação; hegemonia; sistemas simbólicos; cultura.

### The category information as space of hybridation

### ABSTRACT

This work seeks to articulate the idea of hybridization, by Néstor García Canclini, arguing that information is a representative dispositif of a symbolic system; a space of cultural hybridization that homogenizes heterogeneous processes, being constituted in a dispositif that encapsulates a dominant structure of power that is ordered by hegemony as a space for circulation of entities and power in negotiation.

**Keywords:** philosophy of information; hybridation; hegemony; symbolic systems; culture.

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada em 2021 no XVII Colóquio Habermas e VIII Colóquio de Filosofia da Informação.

## 1 APRESTO AO PENSAR

O que se impõe a ser considerado como real? Esse questionamento é colocado por Alain Badiou na obra *Em busca do real perdido* (Badiou, 2017). Quando assumimos algo como sendo “o real”, fora dele as coisas têm dificuldade de acontecer – e aqui acontece o escândalo. No mundo atual – e, na verdade, já há algum tempo – o discurso capitalista dita regras do que é real. O real é então subsumido a um imperativo, àquilo que seriam suas regras, sem necessariamente permitir que os sujeitos as entendam. Badiou transporta isso para a Filosofia, pois indaga sobre a imposição de um discurso, sendo passível ou não de construção, rejeição, manipulação, pois as modificações do mundo se dão nas aberturas até então invisíveis. Isso permite o escape da imposição sem negar que haja real e que haja imposição.

Isso possibilita um deslocamento na reflexão sobre informação. Aparentemente há lacunas nas discussões sobre informação em seus estatutos epistemológico e ontológico, incorrendo em questões que margeiam a utilização de expressões como “o objeto dos estudos de informação é a informação”, “interdisciplinaridade”, “sistemas de informação” ou “sociedade da informação”, apenas para citar alguns exemplos exhaustivamente impressos em trabalhos acadêmicos e repetidos por reflexo ou acriticamente. Estas enunciações, como observam Maria de Fátima Tálamo e Johanna Smit, são “[...] sem dúvida, óbvia[s] e tautológica[s], cuja dimensão das discussões que sustenta não condiz com os poucos resultados obtidos” (Tálamo; Smit, 2007, p. 23). Em conjunto, podemos asseverar que esperar uma identificação plena ou uma definição universal sobre informação é jogar a favor de uma circularidade epistemológica que impede avanços, conjecturando tentativa de manter a ordem dominante que expressa suas posições com base na naturalização, tecendo comentários que fomentam um campo que é “[...] invariavelmente de aplicação: opera-se sobre algo, imprimindo-lhe características que permitam obter novamente o objeto original” (Tálamo; Smit, 2007, p. 30). A informação, em muitas análises, parece que recai em um solipsismo melancólico.

Corroborando com as autoras, é perceptível que a informação, no âmbito dos estudos de informação, tem sido comumente tratada no nível da técnica documental, onde preocupações estão ligadas aos meios, com abordagens muitas vezes tecnicistas que possibilitam uma repetição de métodos e de procedimentos para organização ou

contabilização daquilo que se convencionou chamar de informação. Isso aparece porque as técnicas de algumas áreas da informação não se debruçam sobre o objeto de análise, assumindo-o como dado, já estabelecido, naturalizado. Isso se agrava se pudermos incluir nesse bojo as tecnologias digitais de comunicação que, ao mesmo tempo em que aceleram as formas comunicativas, mobilizam discursos no e para o entorno do tecnológico, restringindo o conhecimento sobre o próprio objeto de estudo e fazendo escapar aquilo que se tem de mais ordinário na informação, isto é, a mediação, como apontada por Martín-Barbero (1997), como forma de produção, de disseminação e de apropriação, deixando de lado as discussões sobre linguagem, sobre produção de sentidos, o que possibilitaria investigar a sociedade, a cultura envolvida no uso, enfim, as práticas políticas e sociais.

Em abordagem do que seria algo compreensivo em relação à informação, Tálamo e Smit (2007) apresentam um programa para a área: (a) articulação entre os dispositivos tecnológicos da informação e a produção da informação e a geração de sentido; (b) inserção social da informação com determinação de condições locais de recepção, visando o aperfeiçoamento dos dispositivos. Estudo da atividade dos usuários-consumidores; (c) identificação de códigos explicitadores do conhecimento sob a forma de informação e das condições que presidem sua concepção e realização; (d) dimensão sociológica, política e econômica das atividades informacionais; e (e) estudos das mudanças ocorridas nos processos de mediação.

Nossa pretensão, neste momento, coloca-se apenas na tarefa sobre o político da informação, baseada na concepção de político de Chantal Mouffe (2017), e, devemos admitir, bastante arriscada: problematizar a categoria informação, tomando como princípio uma abordagem crítica com articulações sem delimitação de campos. Não é sugerido aqui propor elementos novos ou tratar de todos elementos, mas, sim, direcionar o olhar, convidar a enxergar para um ponto estratégico que, de alguma maneira, já foi tratado por outros autores e outras autoras. Assim, restringimo-nos, neste momento, a algumas observações sobre a produção de sentidos que afeta a compreensão do que vem a se caracterizar como informação. Além disso, ao não mantermo-nos presos ao domínio de uma disciplina, buscamos levantar elementos que se dão no cruzamento de relações de poder orquestradas pelo sistema simbólico que produz sentido em contexto social, não apontando, assim, reflexão única que comporte o fenômeno informação, como uma teoria, uma definição, uma proposição que se enquadre na assepsia da neutralidade não-ideológica que povoa os estudos

de informação e que não se compromete com uma teorização capaz de formar subsídios conscientes e radicais em sua formulação.

Para a consecução dessa tarefa, realizamos uma incursão na ideia de hibridação, de Néstor García Canclini, realizando, além do resgate do conceito, aproximações com a problemática da informação enquanto um espaço que alicerça elementos que, reunidos, comprometem-se com uma ordem de discurso determinada e produtora de relações políticas que conformam uma formação social a partir das estruturas culturais que mantêm. Trata-se de um estudo teórico e o método utilizado é o bibliográfico.

## 2 INFORMAÇÃO COMO ELEMENTO DE HIBRIDAÇÃO

É importante situarmos a informação como um dispositivo em sentido foucaultiano e que o trabalho deve ser realizado sobre a linguagem (Medeiros, 2017). Informação, dessa maneira, é uma espécie de código que reúne elementos diversos; elementos pouco visíveis e encapsulados nessa tecnologia. Sendo um pouco mais específico, esse dispositivo, seguindo a acepção de Michel Foucault, estabelece e é estabelecido por uma política geral que acolhe discursos e os constrói e os dissemina como verdadeiros. Isso designa a informação enquanto dispositivo de controle, ficando latente que a ideia de informação não pode ser discutida exclusivamente pela informação em si ou pelos meios de comunicação, uma vez que cairíamos na citada circularidade epistemológica. A investigação sobre os aspectos da informação deve ser dada, além do que foi apontado, pelo espaço que a constitui e a comporta e que permite a produção de sentidos, ou seja, pelas mediações, pelo processo cultural-hegemônico que a organiza e a apresenta como objeto neutro, infalível, de livre acesso, mas que atua na constante construção de sujeitos. É importante considerar, por isso, que a informação atravessa longos caminhos e se molda recolhendo estruturas e práticas, construindo e reconstruindo discursos para novamente buscar sua (re)produção, passando ao largo de uma pureza e indo ao encontro de suas estratégias produtivas como alicerce hegemônico.

A partir disso, propomos um deslocamento à ideia de hibridação apresentada por Néstor García Canclini, buscando firmar não uma definição do que vem a ser informação, mas o que coordena a informação enquanto processo, enquanto formação, enquanto o encapsular de sistematizações culturalmente estabelecidas, isto é, no encontro daquilo que permite a

produção de sentidos e os (re)produz. Com isso, a caracterização da informação ocorre a partir da hibridação (García Canclini, 2003, p. xix), ou seja, de “[...] processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Isso permite lançar um olhar para os atos de constituição dos elementos, dos dispositivos – deixando em segundo plano uma estrutura fechada, fisicalista, apenas um número ou uma linha de um texto – e sendo capaz de agir em desmonte do dispositivo informação como objeto neutro; pelo contrário, o olhar se coloca na construção e na produção, inclusive nas paredes que tentam enclausurar os elementos que a produzem dando ares serenos e inofensivos. Tanto que, como García Canclini (2003) alerta, as próprias práticas, as ações que se articulam já resultam de hibridações, afastando uma determinada pureza que pudesse se considerar de início. Do mesmo modo que García Canclini não pretende discutir a hibridez, mas os processos de hibridação, advogamos a favor do estudo dos processos de hibridação que produzem a informação e a tornam produtiva, destacando os processos hegemônicos que se articulam em prol de um dispositivo que, incoativo, demonstra higidez, mas se mantém capaz de aglutinar interesses e estabelecer ordens seguras para sua contínua dominância.

Não há formação de objeto, processo, fenômeno que se mantenha pura, universal, que não passe por momentos de seleção e reconversão, assimilando traços que se ordenam e desordenam, mesmo que pretendam soar certa coerência e naturalidade. Até mesmo porque hibridação não é sinônimo de liberdade irrestrita. Coerções, coações, conflitos, limitações se colocam dentro do processo que Foucault edifica como ordem do discurso. Processos que conseguem se entrosar na ordem estabelecida e produzir algo novo sob as condições de produção existentes; que, nesse sistema, reorganizam-se de maneira a explorar a ordem e reconfigurá-la como um acontecimento que, sob coerção, é da ordem do discurso, ainda que permita criar instabilidades nas naturalizações e (re)criar sentidos. A hibridação da informação corresponde a um processo que compreende a inclinação dela mesma ao que se mantém hegemônico.

Tomando especificamente a informação como essa construção que busca homogeneizar práticas mais ou menos discretas que podem ser colocadas de maneira separada, mas que, por motivos diversos, reorganizam-se com a intenção de criar novas informações (estruturas, objetos, práticas etc.), entendemos que sua constituição nunca é

pura e se mantém mais ou menos coordenada por relações políticas heterogêneas que se homogeneizam e acabam se heterogeneizando para produzir novas informações (estruturas, objetos, práticas etc.). Dada a potência da noção de hibridação, o dispositivo informação pode ser considerado a partir dessa característica fundamental, aglutinadora de discursos políticos, sociais, culturais, éticos, estéticos, econômicos etc. Indo um pouco mais adiante com García Canclini (2003), a ideia de hibridação ocorre distante do acaso, do não planejado ou do imprevisto, mas, sim, no bojo de processos criativos que são capazes de promover o novo, reconvertendo algo para que este se insira e produza novas condições de produção. Como adverte o autor, conhecer esses processos é compreender a heterogeneidade e a produção de hibridações buscando explicações, não apenas descrições, o que deve ser visto “[...] em meio às ambivalências da industrialização e à massificação globalizada dos processos simbólicos e dos conflitos de poder que suscitam” (Garcia Canclini, 2003, p. xxiv-xxv).

Estamos diante de um fenômeno que é fundado e reconfigurado constantemente de modo transitório e provisional, como alerta García Canclini. Em uma palavra, contingente. Essa ideia aparece como capaz, inclusive, “[...] de nomear [...] produtos das tecnologias avançadas e processos sociais modernos e pós-modernos” (García Canclini, 2003, p. xxix) que, regidos pelo capital, em especial pelo neoliberalismo, faz disso uma reconversão constante, onde as ordens se coordenam em processos de financeirização em prol da globalização empresarial, do consumo e da construção de subjetividades, mantendo assimetrias de poder. Essa reconversão se estabelece em caráter material e simbólico para se reinscrever em novas condições de produção e de mercado.

Se analisarmos a ideia de cultura, podemos ver que, de maneira geral, “[...] engloba o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo de sentido na vida social.” (García Canclini, 2004, p. 34), compreendendo um sistema simbólico, um sistema de significações, produtor de sentidos que organiza interesses diversos (de emissores, de receptores, de meios, de instituições etc.). Como compreender esse processo que no final é encapsulado em informações de documentos, de jornais, de revistas, mas também da internet, das plataformas digitais, onde a informação flui muitas vezes sem sentido aparente? Como tentar criar modelos estáticos de comunicação que se originam, por exemplo, em grupos com interesse na torsão do tecido social e que atingem milhões de sujeitos que, por diversas razões, são afetados em seus mais íntimos processos ideológicos, no imaginário ou na memória? Podemos dizer que o jogo está aí, em

compreender as relações de sentidos; não necessariamente na formalização de padrões de fluxos gerados a partir de representações extremamente limitadas. A busca e a análise das mediações devem ir ao encontro do como, do porquê, do por quem, do por qual caminho isso flui, como se organiza, de quais são as estruturas arregimentadas, de quais os interesses, do que isso significa em termos de política.

O entendimento da cultura – ou talvez melhor colocado, daquilo que é cultural – depende de uma série de estruturas, de processos que se arranjam na tentativa de sacralizar um objeto, incluindo e excluindo aquilo que efetivamente corrobora em sua materialização. Para García Canclini, o popular é aquilo que é deixado de lado, invisibilizado, excluído, silenciado. O objeto recortado passa então a ser “o objeto”, a manifestação legítima, o verdadeiro patrimônio a ser exaltado. O popular é o não-erudito, é pré-moderno, é pré-existente. Essa liberdade permissiva do verdadeiro leva García Canclini (2003, p. 211) a dizer que “Interessam mais os bens culturais [...] que os agentes que os geram e consomem. Essa fascinação pelos produtos, o descaso pelos processos e agentes sociais que os geram, pelos usos que os modificam, leva a valorizar nos objetos mais sua repetição que sua transformação”. Esse caminho é onde opera dominância

[...] que se põe a descoberto que ‘não existe uma produção administrativa do sentido’. A cultura é aí resgatada como espaço estratégico da contradição, como lugar de onde o déficit de racionalidade econômica e o excesso de legitimação política se transformam em crise de motivação ou de sentido (Martín-Barbero, 1997, p. 88).

Entendemos que Raymond Williams pode fornecer com certa clareza como as formações dos sentidos se dão representadas pela informação através de sistemas simbólicos. Estes têm a premissa de comunicar, reproduzir, vivenciar, estudar uma ordem social. Esta é produzida através

[...] [d]as práticas sociais e [d]as relações culturais que produzem não só ‘uma cultura’ ou ‘uma ideologia’, mas, coisa muito mais significativa, aqueles modos de ser e aquelas obras dinâmicas e concretas em cujo interior não há apenas continuidades e determinações constantes, mas também tensões, conflitos, resoluções e irresoluções, inovações e mudanças reais (Williams, 2000, p. 29).

Esses sistemas simbólicos permitem a articulação de elementos produtores de relações políticas que organizam a sociedade, abrindo e arranjando estruturas entre a mente, o corpo e o político que devem ser constantemente produzidas, mais ou menos ordenadas,

para um contínuo desenvolvimento daquilo que tem mais ou menos intencionalidade de existir. A informação, enquanto dispositivo, atua como um signo desse sistema simbólico ordenado, remetendo a elementos que não estão visíveis, uma vez que já sofreram processos de hibridação e se homogeneizaram nesse dispositivo. A informação age como uma ponte, um elo entre o virtual e o material, entre aquilo que a compõe, que está em sua formação e, por isso, presente a partir do momento da hibridação e do encapsulamento de elementos que aparentemente não estão presentes porque sua suposta natureza neutra preserva sua capacidade de invisibilizar esses elementos formadores ou produtores, sem fazê-los deixar de existir. Informação, ao fim, é a forma de uma instância simbólica de produção política.

Com isso, se falamos de produção, circulação e consumo de informação, dizemos sobre a relação com os sentidos, tanto do processo de comunicação quanto da informação em si, dos modos de dispor elementos, de categorizá-los, de comunica-los, de consumi-los. É incontornável discutir sua organização política, discutir suas relações de poder porque a informação age diretamente no corpo e na mente; nestes se concentram as representações dos comportamentos que são socialmente esperados e performatizados. A informação é a condutora dessa teia de construção política dessa sociedade.

Como observa Foucault (2012, p. 235), “O poder penetrou o corpo, encontra-se exposto no próprio corpo”; as relações tênues que penetram a mente geram efeitos de positividade, inclusive no quesito do saber, produzindo-o. Esse “poder positivo” vai lidar com o que Byung-Chul Han (2018) vê na construção de psicopolíticas de atuação neoliberal com capacidade de espetacularização da informação, agindo a partir de elementos simbólicos em que o poder está ancorado. A informação – bem com a cultura – tem seu significado proposto, e não imposto, a partir do compartilhamento de elementos que produtores e receptores são interagentes conjuntos e dependentes para o “dar sentido” mais ou menos semelhante de algo disposto, relacionando-se, como anota Hall (2016, p. 20), “[...] a sentimentos, a emoções, a um senso de pertencimento, bem como a conceitos e a ideias”, sendo capazes de organizar e regular práticas sociais, mantendo influência na conduta humana e gerando efeitos, atuando encorada em uma indústria da informação, da comunicação, em uma indústria cultural (Martín-Barbero, 1997).

Sabendo que “*O sentido depende não da qualidade material do signo, mas de sua função simbólica*” (Hall, 2016, p. 49), esse sentido deve ser observado em consonância com

as mediações presentes na cultura que são regidas por relações de poder e que não se constituem restritamente em aparelhos (ainda que nestes possam estar presentes), mas em como a linguagem é construída e percebida, como altera o estado cognitivo e as relações políticas. Não há, buscando a ideia de Martín-Barbero (1997), como deixar de contrapor a comunicação e a informação a olhares dados exclusivamente a partir dos meios, dos aparatos.

É claro que essas posições são potencializadas pelo uso de aparatos técnicos, meios de comunicação, principalmente digitais, mas, indo ao encontro de Lucia Santaella (2007), é significativo ressaltar que tecnologias, por mais rudimentares ou amplificadoras que sejam, são meios, aparelhos capazes de estender política, cultural, histórica e socialmente a produção de linguagem humana. Apesar de se manter como importantes aparatos na condução, produção e amplificação da linguagem, são canais em que a informação flui, não constituindo, por si só, silos competentes de poder, pois a mediação não vem dos aparatos, mas da linguagem, dos signos em que esses aparatos veiculam suas ações simbólicas.

O percurso, sem dúvida, indica a mudança de sentido que hoje nos permite ir de uma compreensão dos processos sociais baseada na exterioridade conspirativa da dominação a outra que os pensa a partir da hegemonia pela qual se luta, na qual se constituem as classes e se transforma incessantemente a relação de forças e sentidos que compõem a trama do social. Pensar a indústria cultural, a cultura de massa, a partir da hegemonia, implica uma dupla ruptura: com o positivismo tecnologicista, que reduz a comunicação a um problema de meios, e com o etnocentrismo culturalista, que assimila a cultura de massa ao problema da degradação da cultura (Martín-Barbero, 1997, p. 125).

Para que esse olhar seja potente, o que se percorre são os jogos de disputas de sentidos que são mais ou menos autônomos, exatamente porque o poder, como mostra Foucault (2008, p. 4), “[...] não se funda em si mesmo e não se dá a partir de si mesmo.”; mais além, ainda com o arquivista: “[...] o poder não se dá, não se troca, nem se retoma, mas ele [...] se exerce e só existe em ato” (Foucault, 2010, p. 15). Ou seja, os meios, enquanto objetos, enquanto coisa, suportam a informação como processo; devem ser olhados com atenção pois são capazes de guiar processos produtivos e modos de existência, mas não podem ser encarados como principal entidade entre os sujeitos e os sistemas simbólicos. É importante que se entenda os meios como, de fato, seriamente importantes, mas não é possível, em nenhuma circunstância, considera-los de maior interesse ou importância em relação à

linguagem ou aos sistemas simbólicos em si, tomando consciência de suas condições de hibridação e produção de sentidos.

### 3 (IN)CONCLUSÕES

Ao finalizar momentaneamente, resgatamos a ideia de informação como um dispositivo-signo representativo de um sistema simbólico; espaço de hibridação cultural que homogeneiza processos heterogêneos; dispositivo que encapsula uma estrutura dominante de poder que se ordena pela hegemonia. Os sentidos produzidos pela informação e que a produzem não necessariamente estão ligados ao real; este é constituído através de coerções que agem para defini-lo.

O real acaba sendo “[...] aquilo que frustra a representação”, analisa Badiou (2017, p. 21), mas a não existência da representação acaba com o real; e o que temos que fazer é desmascará-lo ao mesmo tempo em que tomamos conta do real da máscara, pois é assim que o real avança: mascarado e de forma constante (Badiou, 2017). A condição da informação que tem se apresentado em diversos estudos de informação acaba escapando ao real; se inscrevendo atrás de máscaras que não são arrancadas ou, ainda, máscaras que não sofrem a tentativa de desprendimento. Assumem, naquilo que Badiou (2017, p. 30) se baseia em Lacan, um semblante, uma vez que “[...] aquilo que a formalização torna possível [...] só é possível pela existência implicitamente assumida daquilo que não pode se inscrever nesse tipo de possibilidade”.

Uma percepção que nos coloca no centro de um impasse que precisamos resolver de maneira geral é não deixar que nos contentemos com tecnicismos ou com sentido único. Se a teoria da comunicação e da informação segue muitas vezes como forma natural de sua ocorrência, estaremos sempre no entorno de processos que trabalham com sinais – como foi pensada a referida teoria. Estaremos presos à redução dos fenômenos da informação e da comunicação a uma ínfima parcela do problema, recaindo, mesmo em estudos ditos teóricos e conceituais, em reducionismos que buscam um sentido único no receptor-usuário-consumidor ou ainda em análises de meios. Esse arranjo caracterizado como informação dentro do campo não se frustra, pois oculta o real, mantém seu semblante, deixa a existência da máscara sem incômodo. A formulação de modelos estáticos, de fluxos de representação

única, de modelos e de padrões que apenas servem para assegurar uma forma, impõem sentido redutor à informação em tentativa autoritária que apenas firma e nutre uma hegemonia, buscando evitar conflitos com a finalidade de que os dominantes sigam em suas estruturas de poder. Assim sendo, a produção acrítica e de caráter tecnicista do campo sobre seu objeto de estudo demonstra o aspecto classista burguês e (neo)liberal da constituição da área de informação que persiste até hoje.

A informação deve ser encarada para além de seu suporte ou da sua pretensa fisicalidade que circula como elemento objetivo capaz de ser contado; deve ser enxergada como produtora de significados que tem no sujeito não apenas um ser passivo e receptor de informação, mas, sim, uma peça-chave na construção dos significados pretendidos e assumidos. O receptor é parte do processo de produção assim como a produção age no receptor. Procurar na informação um sentido próprio ou ainda assumi-la como objeto estático e que mantém neutralidade a partir de uma organização autônoma é ignorar suas políticas. A pretensa ilusão de um absolutismo da informação ou de uma alegada neutralidade ainda paira sobre os estudos de informação, o que é preocupante sob o olhar de um campo de estudos. Compreender as possibilidades do sujeito, as produções de sentidos e a constituição das mediações permitem enxergar a informação em uma ordem de saber, possibilitando o escrutínio crítico desse elemento.

Se a informação tem a capacidade de cooptar os elementos que estão colocados na sua formação sem deixá-los à vista, é um espaço de circulação de entidades e de poder em negociação (lutas, disputadas, resistências, etc.) composto pela hibridação desses elementos que se aproveitam para se esconder – ou são escondidos por quem tenha interesse que eles se escondam – e são encapsulados em belas formas que costumeiramente chamamos de informação. É exatamente neste espaço, nessa interseção de entidades e relações que envolvem a produção e o consumo que deve ser depositada a investigação que se trilha. Não olhar para o dispositivo e o seu entorno é exatamente ignorar sua existência enquanto dispositivo; é ignorar as amarras, as formulações, os jogos, as relações de poder que compõem o ente informação, enfim, é desconsiderar as estruturas tensas e conflituosas da mediação que constroem a informação ao mesmo tempo em que a mobilizam para a reprodução.

## REFERÊNCIAS

- BADIOU, A. **Em busca do real perdido**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012.
- FOUCAULT, M. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GARCÍA CANCLINI, N. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2003.
- GARCÍA CANCLINI, N. **Diferentes, desiguales y desconectados: mapas de la interculturalidad**. Barcelona: Gedisa, 2004.
- HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio : Apicuri, 2016.
- HAN, B.-C. **Psicopolítica**. Belo Horizonte: Aynê, 2018.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- MEDEIROS, J. Compreensões sobre o dispositivo: da informação à via para profanação. **Informação & Informação**, v. 22, n. 3, p. 158-177, set./out. 2017.
- MOUFFE, C. **Sobre o político**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- SANTAELLA, L. As linguagens como antídotos ao midiacentrismo. **Matrizes**, v. 1, n. 1, out. 2007.
- TÁLAMO, M. F. G.; SMIT, J. W. Ciência da Informação: a transgressão metodológica. *In*: PINTO, V. B. *et al.* (org.). **Ciência da Informação: abordagens transdisciplinares, gêneses e aplicações**. Fortaleza: Edições UFC, 2007.
- WILLIAMS, R. **Cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

### Como citar o artigo:

MEDEIROS, Jackson. A categoria informação como espaço de hibridação. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, Natal, v. 8, p. e34209, 2024. DOI: <http://doi.org/10.21680/2447-0198.2024v8n1ID34209>.

